



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

**Gritos e sussurros na Vila da Barra: movimento instituinte de um processo
Formativo em saúde**

Gritos y susurros en Vila da Barra: movimiento instituyente de un proceso formativo en salud

Tatiana Alves Cordaro Bichara

Stella Maris Nicolau

Luciane Maria Pezzato

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Campus Baixada Santista

Santos, Brasil

Resumo

Este artigo reflete sobre uma experiência de formação interprofissional e interdisciplinar para o trabalho em saúde, vivenciada por um grupo de professoras, estudantes e comunidade, em uma unidade curricular de uma Universidade pública, durante o 20. semestre de 2024. Por meio de fragmentos narrativos de diários de *pesquisaformação* de estudantes e professoras na relação universidade-território-comunidade, narramos processos enfrentados com o término de uma parceria com uma Unidade de Saúde e o início de outra aliança, com uma liderança de uma comunidade, um campo novo, espesso, que provocou deslocamentos entre a macro e micropolítica, o instituído e o instituinte, em uma pororoca nada confortável. A partir de questionamentos trazidos pela escrita implicada dos diários da experiência, criamos uma narrativa coletiva, feita pela *fabulação especulativa* da copresença em um cotidiano denso.

Palavras-chave: Fabulação especulativa; *Pesquisaformação*; Relação universidade-território-comunidade

Resumen

Este artículo reflexiona sobre una experiencia de formación interprofesional e interdisciplinar para el trabajo en salud, vivenciada por profesoras, estudiantes y comunidad, en una unidad curricular de una universidad pública, en el 2º semestre de 2024. Por medio de fragmentos narrativos de diários de *investigaciónformación* en la relación universidad-território-comunidad, narramos procesos enfrentados con el término de una asociación con una Unidad de Salud y el inicio de outra alianza con una liderança de una comunidade, un campo nuevo, espeso, que ha provocado desplazamientos entre la macro y la micropolítica, el instituido y el instituyente, en un macareo nada comfortable. A partir de cuestionamientos traídos por la escritura implicada de los diarios de la experiencia, creamos una narrativa colectiva, hecha por la *fabulación especulativa* de la co-presencia en un cotidiano denso.

Palabras-clave: *Fabulación especulativa*; *Investigaciónformación*; Relación universidad-territorio-comunidad

Introdução

Este texto pretende refletir sobre uma experiência vivenciada por um grupo de professoras, estudantes e comunidade, em uma Universidade pública, durante o 2o. semestre de 2024. Um semestre atípico que iniciou em setembro, devido ao novo calendário acadêmico pós-greve. Fato este que produziu efeitos no processo, como contaremos mais adiante.

Ao longo do semestre, vivemos experiências de distintas intensidades e com diferentes aprendizados em nossa chegada-saída da Unidade de Saúde, onde até então, realizávamos nossas atividades de integração ensino-serviço-comunidade, e entrada na Vila da Barra. Cada um(a) de nós, a seu modo, ficou sensibilizado(a) ou mobilizado(a) com algo ou situações encontradas nos trajetos que fizemos e, que, possivelmente, provocaram perguntas e dispararam questionamentos.

Essa experiência será contada por fragmentos narrativos de diários de *pesquisaformação* (Bragança, Faria e Pezzato, 2023), de estudantes e professoras, autorizados pelas(os) mesmas(os). Todos os nomes de pessoas, grupos e lugares são fictícios para preservar as identidades.

Conforme apontado por Pezzato, Fortuna e Bragança (2025, p.2), o diário na formação é um lugar que guarda “(...) histórias, reflexões e questionamentos produzidos ao longo do vivido (...)”, tornando-se “(...) uma prática de escrita na experiência que, ao passar em nós, deixa marcas, feridas e vestígios em nossa formação”.

Contar essa experiência e caminhos construídos nessa formação, acompanha uma perspectiva de compreensão de que a formação se constitui em conexões com os movimentos da vida, “na indissociável relação com os muitos outros, com os projetos de sociedade que insistimos em construir” (Bragança, 2018, p.68). Uma formação que atravessa o ensino, a pesquisa e a extensão, compreendendo a docência de forma ampliada que possibilita abertura de brechas rumo à experiência (Benjamin, 1994; Bondía, 2002).

Nesse sentido, a *pesquisaformação* aponta para um “transbordamento de sentidos, de concepções e ações que unem os *espaçostempos* de viver, pesquisar e formar, (...) há uma intencionalidade dirigida não apenas para a produção do conhecimento, mas também e de forma indissociável, para a formação” (Pezzato; Bragança; Rosa, 2023, p.5).

Esta vivência iniciou em outubro de 2024 e continua até os dias de hoje.

Nossa chegada na Vila da Barra foi registrada de diferentes maneiras nos diários de estudantes, trazendo a singularidade de cada olhar:

Dia 30/10/2024 - Diário da experiência

Ao caminhar ao lado de Rosa, todos a cumprimentavam e nos cumprimentavam também, sempre com muita educação e sorriso no rosto. Nas ruas era possível ouvir música de todos os gêneros tocando, era um dia ensolarado e passava um ar de felicidade. Em nenhum momento dentro da comunidade senti medo ou apreensão, senti uma comunidade viva repleta de pessoas vibrantes.

A sede possui um espaço amplo, com janelas de vidros que arejava bem (...), uma parede com uma pintura com cores alegres e chamativas, com dois banheiros e várias cadeiras de plástico. (...). De início (...) abordamos a precarização do serviço público e em como é difícil a saúde da população que utiliza apenas o SUS (Diário estudante).

Na tarde do dia 30 fomos pela primeira vez até a favela da Barra para conhecer o ambiente e definir como seriam os próximos campos. Ao chegarmos, me surpreendi com a hospitalidade das pessoas e com o funcionamento de tudo ali dentro. São pessoas marginalizadas e com grandes dificuldades, mas tem sua ordem e união dentro do ambiente em que vivem, fazendo com que tudo funcione e garantindo o acesso ao que deveriam ter por direito (Diário estudante).

Estava apreensiva, com medo. Pensava muito em como os moradores da favela nos veriam, com quais intenções eles achariam que estaríamos visitando lá. Me tranquilizei quando conheci a Rosa, líder da Sociedade de Melhoramentos da Vila, uma mulher muito prestigiada e conhecida por todos da comunidade. Durante todo o tempo que estaremos em campo, ficaremos acompanhados dela, então, provavelmente não haveria nenhuma adversidade ocorrendo a nós.

Minha primeira impressão do território foi sobre a quantidade de lixo e o cheiro que não era muito agradável. Acredito que a coleta de lixo por lá não deve ser da mesma forma que acontece nos bairros mais centrais e nobres da cidade e por isso deve acumular muito mais lixo (Diário estudante).

O contato com o processo saúde-doença-cuidado articulado às condições e aos modos de vida do território e, ancorado na experiência concreta e sensível produzida nos encontros de produção de cuidado com as pessoas, escancaram investimentos e desinvestimentos nas políticas públicas voltadas ao bem-estar social, expondo as inequidades e o distanciamento dos princípios do bem-viver para as coletividades.

A aproximação com a complexidade e a determinação social do processo saúde-doença-cuidado (Breilh, 2024) e as múltiplas formas de habitar a cidade, têm ressonâncias profundas e diretas nas condições de vida-morte e na trama cidade-subjetividade-saúde das pessoas (Dimenstein e Siqueira, 2020).

O discurso da insegurança e do medo, vincula-se à produção das cidades e dos contextos urbanos a partir de uma “racionalidade, eficiência, organização e segurança” hegemônicas, que determinam o funcionamento e a organização dominantes, com vistas à

produção de estilos de vida e consumo individual e à definição e controle dos espaços de circulação das pessoas, a partir das relações de classe social-raça-etnicidade-gênero e dos interesses do capital, visando a manutenção desigual do poder político e dos lugares sociais (Dimenstein e Siqueira, 2020, p.64). A organização política e econômica neoliberal de produção do espaço e do viver nas cidades é constituída pela definição de políticas para grupos, delimitados e distribuídos por meio de algum marcador social, que os homogeneiza e contribui sócio-historicamente para reafirmar o igual como seguro e a diferença como ameaça e risco social, a ser exterminada, eliminada.

Quando estudantes e docentes se deslocam universidade-território há um choque entre o que se pensava antes de chegar e os aprendizados e compreensões sobre os pensamentos que agenciam as práticas, os fazeres cotidianos e os modos de cuidar das pessoas do lugar. Produzindo uma pororoca produtora de “novos territórios existenciais” (Figueiredo, et al, 2018, p.1873), como convites para “surfarmos” (Teixeira, 2015) pelas intensidades que emergem na experiência.

Esta chegada, os choques da entrada no campo e as pororocas experimentadas nos caminhos, podem ser considerados dispositivos instituintes de desterritorialização (Deleuze e Guattari, 2008) na formação, justamente pelos deslocamentos que provocam: desde a saída da universidade, o encontro com a limitação da posição disciplinar das especificidades do conhecimento e o movimento de criar abertura para a produção do cuidado na interdisciplinaridade, interprofissionalidade, intersetorialidade e interculturalidade. Como narra uma docente, trazendo pistas sobre os desafios encontrados neste novo campo, com estas novas realidades periféricas.

Dia 13/12/24, diário docente:

Já era a terceira semana seguida que perdíamos alguém da Vila da Barra. E fazia somente cinco semanas que estávamos ali: nós, professoras, e os nossos 12 estudantes, acolhidos e guiados pela Rosa, a liderança da favela. Primeiro perdemos o Luan, de 25 anos, com psoríase, em seguida, a Sophie, de 22 anos, com convulsão, e agora, a avó da Lina, de 56 anos, de um infarto repentino. Todos eram pessoas que começaríamos a acompanhar, mas as tragédias determinadas socialmente que acontecem ali de forma exponencial, nos atravessaram... e não poderia ser diferente. Zara, irmã da Rosa, que acompanhamos duas vezes, já não conseguia deglutir e, por isso, tinha sido internada na UTI.

Na semana anterior, saímos da favela junto com o carro da funerária, em meio aos prantos desesperados da sogra da falecida Sophie, que chorava também pela disputa da guarda do filho dela, seu neto de apenas 2 anos, que ficara órfão, tendo presenciado a mãe morta durante toda a madrugada, e, nós, ali, com uma sensação de não termos nada mais a fazer do que abraçá-la, escutá-la e oferecer um copo d'água, no meio da rua principal da favela. Era um clima de luto comunitário e

generalizado, que se misturava às demais dinâmicas do tráfico, das motos que passavam, dos meninos e meninas de 14, 16 anos, que ficavam no radinho, paquerando ou jogando conversa fora com o saco de papelotes aberto na frente do centro comunitário, chamado de sede, onde acontecia o encontro de mulheres do grupo QuebradaDelas, que se juntava a nós naquele dia. Em meio aos prazeres e às alegrias de confeccionar enfeites de natal juntas, escolher as texturas e cores, sonhar com casas embelezadas, as mulheres se envolviam na proposta e conversavam, compartilhavam dores atravessadas pela necropolítica.

Soubemos do suicídio do marido de uma delas porque perdeu o emprego na pandemia, deixando-a prostrada na cama por quase dois anos; falaram da morte da mãe de outra mulher 4 meses antes da internação do irmão, na mesma UTI da Santa Casa, por um acidente de moto, e, o medo da morte, o sentimento de culpa, a angústia que sentia. Também conversamos sobre o risco constante e concreto de invasão da casa de Marilene pela polícia atrás do tráfico e do filho dela, que tinha sido posto de refém algumas semanas antes. Estávamos em uma montanha-russa de intensidades e deslocamentos em distintas velocidades.

Nesta semana, nenhuma mulher apareceu na sede, com exceção da Rosa, liderança e nossa preceptora no território. O clima estava tenso, os meninos e meninas do tráfico gritavam entre eles e gritavam no radinho, que também berrava ao ser ligado e desligado, emitindo um som agudo e alto, insuportável, além das motos que passavam acelerando do lado de fora, criando um ambiente que quase impossibilitava a nossa conversa do lado de dentro. Começamos a conversar com a Rosa sobre a relação da sede com a favela e o tráfico, como ela tinha sido criada e que forças estavam em jogo ali, para entender um pouco mais sobre aquela situação marcada na disputa posta na fronteira-parede, dentro-fora, sede-tráfico, que explicitava o tensionamento local pela nossa presença, sendo apresentada aos berros na disputa pela sede. Rosa falava muito baixo e com bastante suavidade; o tráfico gritava muito alto, com vozes graves, masculinas e em tom agressivo. Havia uma oscilação na relação do tráfico com a Rosa e com as demais mulheres pela sede. Rosa disse que existe o respeito do tráfico por ela, mas também a incompatibilidade entre as ações educativas e assistenciais promovidas por ela e suas parceiras e as ações do tráfico de compra e venda de drogas; tentaram negociação, ela ofereceu a chave do centro para a liderança do tráfico, mas ele não aceitou e ofereceu a sede do clube deles para elas fazerem a festa de natal das crianças, mas, segundo Rosa, “foi um desastre”, “para nunca mais”.

Agora estão em disputa velada, mas Rosa diz que há um desgaste de anos, e que a sua forma de lidar tem sido, “passo por eles, finjo que não vejo, falo baixo e os ignoro”, enquanto o tráfico grita, faz muito barulho e disputa o uso da sede. É paradoxal ver o quanto o tráfico se beneficia com a existência da sede e seu caráter comunitário, que o ampara. Há certa convivência compartilhada sede-tráfico pelo chuveiro instalado pelo tráfico na parede lateral da sede, que serve para refrescar as crianças e a comunidade toda, e o telhado da sede também serve de suporte para a fixação da lona que protege o tráfico dos drones da polícia.

Do lado de dentro, estávamos em roda, e nos situávamos entre os gritos de fora que invadiam com brutalidade os sussurros de dentro. Tentávamos falar sobre o que faríamos naquela tarde, quase ninguém conseguia ouvir a voz suave e baixa da Rosa, mas todos estavam fazendo esforços para escutá-la, com exceção de duas estudantes, que cochichavam sem parar e sem constrangimento na frente da Rosa, que falava sentada em sua cadeira de rodas motorizada. Rosa mandou mensagem para as mulheres que tinham topado produzir um projeto de cuidado conosco para que fossem para a sede, mas ninguém apareceu.

Conversamos sobre o que estamos fazendo e compreendemos que na comunidade, o projeto de cuidado tem que ser grupal, diferente da linha que seguíamos com as famílias e o ACS na Unidade de Saúde. Sem saber ao certo o que fazer, fomos Tateando daqui, propondo algo dali e Rosa começou a nos contar a história do lugar, da água, das lutas pelo terreno e moradia, dos projetos que possuem e como não são

realizados mesmo quando a prefeitura deve responder ao Ministério Público e não o faz. Falou do porquê entendia que a festa de natal era muito importante para as crianças, e começou a nos contar a sua própria história, dizendo do quanto ela gosta de boneca até hoje por não ter tido brinquedos na sua infância. A escuta e o cuidado com ela era o que estávamos fazendo ali, naquele encontro. Muito sofrimento e violências acumuladas numa vida tem sido transformada em força para ela tornar-se numa liderança naquela comunidade. Voltamos para a supervisão na universidade. Haja corpo para tanta dor.

Movimento universidade-serviços-comunidade

A parceria Universidade e Vila da Barra está situada no contexto de uma unidade curricular (UC) que integra um processo formativo interprofissional e interdisciplinar, teórico-prático que envolve cinco cursos de graduação em saúde e uma comunidade periférica da Baixada Santista. Esta UC é ofertada para estudantes do 3º ano da graduação de cinco cursos desta universidade, por meio de uma parceria interinstitucional com serviços da Atenção Básica, Atenção Especializada (Saúde Mental e Hospitalar), Assistência Social, Educação, lideranças comunitárias, movimentos e organizações sociais, em diferentes territórios da cidade.

Com uma aposta no aprendizado pela experiência, a cada semestre, aproximadamente, 120 estudantes são distribuídos interprofissionalmente em 8 turmas, com uma carga horária de 4h semanais, acompanhadas por uma dupla docente de diferentes áreas, parceiros e comunidade, para a produção de projetos de cuidado, a partir de encontros semanais com pessoas, grupos, comunidades, famílias nos territórios.

A partir da exposição dos(as) estudantes às pessoas, aos seus diferentes modos de vida-morte e às dimensões complexas e singulares que atravessam o trabalho em saúde, vimos apostando numa formação contra hegemônica, que produz interferências criativas em situações concretas e complexas, nos encontros com pessoas nos territórios, em uma clínica comum (Capozzolo, Casetto e Henz, 2013), tecida em composição entre saberes, conhecimentos, disciplinas, tradições, trajetórias, culturas, visando o fortalecimento dos laços de afeto e confiança e a ampliação das forças para viver, na produção do cuidado no processo do trabalho vivo em ato (Merhy, 2002).

Nesta UC, articulamos o processo formativo à produção do cuidado, em que quem demanda cuidado fica situado(a) no centro da atenção em saúde, na perspectiva da clínica comum. Não se trata de levar conteúdos da universidade para o território, mas de produzir cuidado junto, no ritmo e na escuta do outro, dos seus desejos e aspirações, por meio dos

encontros, compartilhamento de histórias, sonhos, lutas, desejos e relações com os demais e o território, e, da construção de projetos de cuidado voltados para a produção de potência no outro. Como afirmam, Franco e Hubner (2019, p. 94) num dos textos de base da UC, “O cuidado é a arte de produzir potência no outro”.

Os diários da experiência dos encontros são parte da avaliação discente da UC e são compartilhados três vezes com docentes ao longo do semestre. Tamanha foi a intensidade desta experiência, que a escrita de um diário de *pesquisaformação* (Bragança, Faria e Pezzato, 2023) produzida pelas docentes, foi a forma encontrada para elaboração dessa experiência da micropolítica do cotidiano de um território e de suas forças de padecimento e morte que marcaram a nossa primeira passagem por ali.

Estas experiências nos convidaram à reflexão sobre os desafios presentes na formação em sentido amplo, ou na metaformação, em que ensino, pesquisa e extensão são indissociáveis na universidade, assim como o tripé educação permanente, pesquisa em serviço e atenção/gestão, são igualmente indissociáveis nas instituições de atenção à saúde, e, em ambos os casos, articulam-se ao tripé aprender-investigar/refletir-fazer. A metaformação privilegia o grupo como estratégia teórico-metodológica e é tecida em uma rede de práticas e saberes dados no movimento de apropriação-ressignificação contínua de conhecimentos e saberes do cotidiano do território e pelas problematizações das crenças, explicações ideologizadas e ideias dadas como naturais (Scarcelli, Bichara e Fernandes, 2023).

Esta formação a que nos propomos, dada nos encontros com as passagens e os obstáculos presentes nas situações concretas, configuram-se convites irrecusáveis à deslocamentos contínuos para todas(os) envolvidas(as): docentes, estudantes, lideranças, serviços intersetoriais, pessoas acompanhadas, comunidade.

Corrêa (2018), discute a educação territorializada na perspectiva da escola indígena diferenciada, como aquela que tem seu ponto de partida e de chegada na potência da epistemologia nativa, presente na memória e na transmissão oral e ressonante na escrita do seu povo. A autora explica que a educação territorializada, feita no e com o território, possibilita fazer deslocamentos do corpo e da mente, pelas experiências de movimentar-se para outros espaços, outros saberes, outros arca-bouços epistemológicos (nativos, acadêmicos, locais) na interação com a dinâmica do território. E afirma que para descolonizar o pensamento é preciso transformar as estruturas sistêmicas e fazer um movimento

cotidiano de práticas subversivas, que requer colocar corpo e mente em ação e provocar deslocamento.

Os deslocamentos provocados por esta UC ganham caráter subversivo ao interligarem as dicotomias estabelecidas pelo modelo cartesiano-positivista de ciência. Fazer pontes entre os pólos da macro e da micropolítica é movimentar-se pelo âmbito das políticas, conceitos e práticas instituídos, e da micropolítica, pelos fazeres cotidianos das pessoas do lugar, da multiplicidade, heterogeneidade, singularidade e onde acontecem os “(...) processos de subjetivação em sua relação com o outro, no momento do encontro, afetando-se e podendo afetar esse outro, sem protocolos, sem amarras, sem definições a priori do que o outro pode vir a precisar” (Franco; Hubner, 2019, p. 100).

É também fazer movimentos de agenciamentos entre o instituído, com suas formas estáveis, rígidas e conservadoras e o instituinte, inventivo, rebelde e mutante, e interrogar os aspectos cristalizados do instituído, colocando sob análise a instituição (Lourau, 1996). A análise da implicação, da denúncia daquilo que a instituição deflagra em nós, dos atravessamentos imbricados nessa relação, ao emergirem como tensões, conflitos ou crises e serem problematizados, nas suas contradições e com suas múltiplas forças atuantes, por meio dos agenciamentos e transversalizações que podem surgir nas redes de relações, produzem conhecimentos nas conexões heterogêneas que acontecem no entre, nas passagens, nos encontros com a diferença e nas relações de alteridade, que se abrem como alternativas instituintes, inventivas e singulares.

Estes deslocamentos permitem, ainda, escapar do modelo biomédico diante da complexidade das relações de cuidado e acolhimento no território. O cuidado e a saúde, referem-se à produção de alegria (Espinosa, 2009) e “(...) à invenção de estratégias para a construção de novos territórios, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de ‘saída’ dos territórios que parecem sem saída” (Franco e Hubner, 2019, p. 100). Para tanto, é preciso pensar e fazer grupo, desejar a diferença e a alteridade e ampliar a capacidade de criar vínculos nos “entres”, com o estranho, por meio das relações colaborativas, horizontais e solidárias com a diferença.

Rompimento e reinvenção

Ao longo de três anos, por meio de uma parceria com uma Unidade de Saúde da Família do SUS, acompanhamos, em conjunto com as equipes de saúde, algumas pessoas e

famílias que habitavam a região periférica da Baixada Santista. Andávamos com estudantes e agentes comunitários de saúde (ACS) pelo território até as casas das pessoas para encontros de produção de cuidado, acompanhadas pelas docentes. Neste serviço, havia a regra de que não poderíamos ir às casas das pessoas sem o acompanhamento de ACS. Naquele semestre, chegamos com a turma na Unidade, somente em outubro, após pactuação prévia, e fomos avisadas que as ACS estavam fazendo um curso do Ministério da Saúde e que não poderiam nos acompanhar. Diante da não flexibilização das regras e rompimento da parceria com a Universidade, precisávamos urgentemente buscar outro campo. Lembramos de uma liderança comunitária parceira e pedimos apoio à ela. Foi assim que chegamos na Vila da Barra.

A Vila da Barra é uma comunidade periférica, sem saneamento básico, rede de esgoto, luz elétrica e água, constituída por moradias pequenas e precárias e presença do tráfico. Possui uma sede em seu centro, destinada à convivência, assistência, formação, etc. Lá acontecem alguns projetos e foi o lugar onde começamos a fazer nossos encontros com as mulheres, que já eram participantes de um outro grupo, o *QuebradaDelas*, que se reunia semanalmente na sede.

A produção social e histórica das cidades desiguais e inequitativas não foi conquistada sem resistência, e esse é o caso da Vila da Barra: “nas brechas do mercado e da racionalidade da lei, as camadas populares reagem, inventando novas configurações comunitárias habitáveis, dando visibilidade ao conflito social. Nesse sentido, a ocupação ilegal do solo é vista como forma de resistência” (Dimenstein e Siqueira, 2020, p.67), nas lutas pelo direito à terra, à reforma agrária, à soberania e segurança alimentar, etc.

O cultivo dos princípios dados pelos critérios dos “4S da vida e do bem-viver” de Jaime Breilh (2024), da Solidariedade (equidade), Soberania (condições de autonomia), Segurança (condições de vida segura e biossegurança planetária) e Sustentabilidade (relações não-extrativistas e biodiversas com a natureza e os seres não humanos), é importante para a proteção da vida e saúde, pois, são processos ativos que participam da determinação geral da reprodução social. O autor ressalta a importância da recolocação da ideia de bem-estar na avaliação da saúde coletiva, com vistas à transcender a conotação psicológica individual e pensar a partir do bem-viver, como um componente da saúde na epidemiologia crítica. “Para além do bem-viver material, o termo guarda em si formas coerentes das dimensões culturais-

espirituais da existência humana. Entre outras coisas, implica uma relação profunda e respeitosa com a Natureza e com as relações coletivas-equitativas com os(as) outros(as)” (Breilh, 2024, p.121).

Os movimentos de saída, de chegada e de mudança de rota no meio do caminho, provocam inúmeros desafios para uma formação que aposta nos movimentos de ir e vir território-serviço-comunidade-universidade, na composição de saberes e conhecimentos diversos e plurais e na construção da horizontalidade na relação ensino-aprendizagem que se dispõe a “pensar no que fazemos para fazer o que pensamos” (Kazi, 2006, p.250).

Alguns dos desafios situam-se na sustentação da recusa ao modelo biomédico e ao reducionismo cartesiano da fragmentação e parcialização do conhecimento; na aposta da experiência do “fazer junto”, “fazer com” as pessoas projetos de cuidado pautados na potência de agir, na ampliação da alegria (Espinosa, 2009) e na defesa da vida em sua integralidade, e, no olhar atento que cuida das relações no território e ao mesmo tempo da formação e da consolidação de laços de cuidado com parceiros, pessoas acompanhadas e estudantes. Há ainda o desafio de sustentar a formação centrada na experiência, com suas belezas e potências, mas também com seus imprevistos, lacunas e desvios, dados pelas relações de viver e morrer, pelos encontros com os próprios preconceitos e incoerências, além das diversas forças, intensivas e extensivas, atuantes no cotidiano que nos atravessam, convocam a fazer giros e expõem o quão desestabilizador, dolorido e angustiante pode ser o movimento de fazer estas travessias. E assim, questionamentos sobre a formação começaram a aparecer nos diários de estudantes.

Dia 27/11/ 2024 - Diário de experiência

Realizamos nossa 3a. visita a Vila da Barra. Desta vez não tão produtiva, pois assim como dito pelos colegas de turma: estamos vivendo mais do mesmo. Já é nosso 3o encontro indo para sede e conversando com Rosa, que sempre é muito solícita em nos receber, mas não passa disso (Diário estudante).

Ao final do encontro, tivemos nossa primeira supervisão. A professora iniciou com uma atividade de escrita livre, pedindo que colocássemos no papel as palavras que nos viessem à mente, sem filtros. Escrevi: tráfico, insegurança, medo, angústia, desorganização, perigo, sujo, calor, suor, abafado, dor, desconforto, precário, assistência e meta. Uma palavra que talvez faltou foi “tédio”. Essas palavras resumem bem o que senti no momento. Apesar de gostar muito da UC e valorizar as experiências no campo, os encontros estavam começando a me parecer desgastantes. Sinto que não avançamos muito, já que as discussões giram sempre em torno dos mesmos temas, sem grandes inovações (Diário estudante).

Esperar o tempo da construção das relações de cuidado com as pessoas e o lugar, consolidar laços de afeto, sustentar a espera enquanto produz cuidado no compasso da composição, no lugar do estrangeiro, de quem não é dali e precisa “ganhar” tempo para reconhecer as pequenas mudanças, às vezes invisíveis, tecidas no cotidiano, compõem a formação. Aguentar o tempo da observação e da entrega para as pequenas nuances do que parece igual, é um outro grande desafio em tempos de um “capitalismo acelerado 4.0” (Breilh, 2024), em que “inovação” e “avanço” são palavras de ordem. Para Breilh, o capitalismo acelerado 4.0 “configura-se a partir da aceleração de processos de reprodução do capital, socioambientais e sanitários devastadores, que contribuem para o crescimento exponencial da inequidade e da desigualdade social no planeta, configurando situações de catástrofes na atualidade” (Bichara, Goulart e Ramalho, 2024, p.140). Estas catástrofes, vinculadas à crise múltipla planetária e assentadas no capitalismo acelerado 4.0, produz uma crise civilizatória, com modos de viver incompatíveis com a vida.

Ao pensar a formação no “território acadêmico”, como mulher indígena, Correa (2018), traz suas inquietações sobre o conhecimento ser produzido de forma fragmentada, em seções, “(...) com recortes dos recortes” e diz: “para nós Xakriabá, no território e no movimento da vida, (...) os conhecimentos produzidos em torno destes elementos operam de maneira articulada”. Para ela o debate educação-território, precisa “problematizar como a escola interage com o território e com sua potencialidade de produção do conhecimento, mas também como a escola assume o compromisso com essa luta que envolve a garantia da permanência e gestão do povo no território”. Expõe o desafio e a importância de “contribuir no fortalecimento da oralidade na escrita”, pela criação coletiva de caminhos para guardar a oralidade na memória, potencializando a “circulação da oralidade, por meio de *narrativas nativas* e as *narrativas ativas*, nas aldeias, nos territórios e em todos aqueles lugares em que nos fazemos comunidade” (Correa, 2018, p. 213-214).

Também precisamos descolonizar o pensamento nos territórios acadêmicos e para a autora, para transgredir o pensamento colonial no sentido de uma educação territorializada, “Não há bula, o que podemos fazer é nos lançar na construção do novo. Subverter requer colocar nosso corpo e mente em ação, e isso provoca deslocamento, portanto, não há outra alternativa senão a de começar e fazer” e diz ainda, que é preciso considerar as epistemologias nativas com referência na ciência do território, expondo que a premissa da

territorialização nas escolas e universidades só ocorrerá “quando os os pés estiverem tocando o chão do território” (Correa, 2018, p. 214-215).

Célia Xakriabá nos dá pistas por onde começar:

Deixe a sabedoria chegar, ela tem uma temporalidade diferente da da inteligência e, ao começar, aprenda a descalçar os sapatos que usou para percorrer os caminhos e acessar os conhecimentos teóricos que estão no centro, mas deixe os pés tocarem no chão do território, esses sapatos que já estarão pequenos e não caberão nos pés coletivos, eles apertaram tanto a nossa mente, que limitaram o acesso ao conhecimento do território no corpo (...) se não existe caminho aberto, comece a fazer uma *picada*, se já tens a *picada*, abra um *carreiro*, se já tens *carreiro*, alarga em uma estrada (Corrêa, 2018, p. 214).

Sapatos e conhecimentos apertados no território do corpo: movimento instituinte

Já estávamos próximo do final das idas ao território, a turma estava muito mobilizada por todos os tropeços e percalços que passamos ali. A pororoca estava a todo vapor, tanto na Vila da Barra, com as vidas das mulheres e as mortes de tantas pessoas em tão pouco tempo desde que chegamos ali, quanto com estudantes e uma sensação de impotência e tristeza ganhava o ar da turma. Os desconfortos ficaram registrados:

Dia 11/12/24- Diário da experiência

O campo do dia 11 de dezembro foi desanimador. Apenas Rosa compareceu à sede da associação, então não conseguimos colocar em prática a atividade que foi proposta na semana anterior, pois as outras mulheres não estavam presentes. Então, fizemos uma roda de conversa que foi composta pelos discentes, pelas professoras e pela Rosa.

Algo que me incomoda bastante é que, durante todos os encontros, apenas ouvimos. Ouvimos as mulheres falarem, contarem suas histórias... E sim, isso é enriquecedor! Apreendi muito com elas, com a dinâmica da Vila da Barra, com o contato com a comunidade, com as diferenças entre minha realidade e a realidade dos moradores da Vila. No entanto, essa passividade que nós, alunos, nos encontramos, é desconfortável. Não interagimos com as pessoas, não conversamos com elas... Levo em conta que isso aconteceu por nossa turma ter sido a primeira a ter contato com o campo da Vila da Barra, e que tudo (ou a maioria) das atividades que planejamos não puderam ser concretizadas, mas ainda assim, para mim, foi desconfortável apenas ouvir conversas entre as mulheres e as professoras, sem a participação dos alunos (Diário estudante).

(...) tivemos supervisão. Em uma roda, o silêncio predominou quando fomos questionados sobre nossas percepções da UC. Esse silêncio, talvez, estivesse ligado a um certo constrangimento, pois alguns colegas chegaram com a expectativa de acompanhar pacientes e vivenciar a prática profissional de forma mais próxima. Contudo, enfrentaram uma quebra de paradigma: a estrutura tradicional de uma clínica funciona como um pequeno laboratório, onde há controle sobre variáveis como temperatura, espaço e horários. Por outro lado, quando nos deslocamos para espaços fora das quatro paredes confortáveis da clínica tradicional, nos deparamos com agenciamentos e manejos que dependem das circunstâncias vividas na prática profissional. Ou seja, não é a teoria que deve se adaptar às pessoas, mas os profissionais que precisam ajustar a teoria para atender às necessidades de quem estamos assistindo (Diário estudante).

Esse movimento dos(as) estudantes, com uma escrita implicada nos diários, nos mobilizou. Estavam arrebatados(as) pela experiência, questionando o que os(as) atravessava e que fazia aparecer a multiplicidade, as diferenças.

Apostando na horizontalidade das relações e interrogando o instituído na própria UC, começamos a conversar nas supervisões sobre as problematizações trazidas nos diários. Fomos fazendo uma leitura coletiva do que vivenciamos no semestre. Cada estudante falou o que sentia e como estava compreendendo a formação. Acolhemos o grupo, legitimamos o que sentiam. Retomamos todo nosso percurso, as situações que precisamos enfrentar com a mudança de campo, as intensidades e gravidade das situações complexas de vida e morte que vivenciamos, as tensões com o tráfico, o processo de chegar num território novo e as disputas que tivemos que sustentar para ficarmos na sede. Falamos sobre a delicadeza da produção do cuidado, o tempo do cultivo da confiança para o encontro e os atravessamentos de classe social, raça-etnia e gênero constantes, além da necropolítica, dos arranjos e operações policiais de extermínio da população pobre, preta e indígena. Estávamos diante do que Gallo (2021) denominou de Bio(necro)política, que ficou escancarada em 2020 durante a pandemia de Covid-19, principalmente em países com grandes desigualdades sociais, em que assistimos a biopolítica e a necropolítica - duas tecnologias de poder- , se juntarem, intensificando a vulnerabilização de determinados corpos e grupos.

Assim, fomos construindo com a turma aquilo que aprendemos. Por outro lado, ainda permanecia a frustração de não conseguirem fazer o projeto de cuidado, pois não tinham acompanhado pessoas por um período contínuo. Passamos por uma grande oscilação na participação das mulheres na sede, elas esqueciam de ir nos encontros e ainda não havia vínculo com a universidade, estávamos iniciando essa parceria. Precisávamos esperar o tempo da sabedoria chegar, em diálogo com Corrêa (2018), e também refazer o trajeto de olhar para os movimentos instituídos e instituintes convocados no percurso.

Fizemos uma conversa entre docentes para avaliarmos o que estava acontecendo com a turma e para pensarmos possíveis caminhos para os projetos de cuidado. A partir dessas trocas e da aposta na potência nos aprendizados, nos diálogos com o problema, buscamos Donna Haraway (2023) e o seu conceito de fabulação especulativa. Fizemos um giro para o presente e a especulação, buscando dialogar com a fabulação especulativa como prática de

criação de fábulas, de contação de histórias, sem a pretensão de ser profissional. Haraway (2023) nos convida a imaginar fábulas, povoadas por bichos, animais, criaturas imaginárias, mundos impossíveis, em conjunto com a ficção científica e o feminismo especulativo, para produzir e sustentar, ficar e seguir com o problema.

Para a autora, em tempos perturbadores, confusos, turbulentos e problemáticos, como os que vivemos, com “padrões vastamente injustos de dor e alegria”, temos a tarefa de nos tornarmos capazes de responder pela reciprocidade, “conjuntamente e em toda a nossa abundância espevitada de tipos”, fazer parentescos estranhos, entre espécies humanas e não humanas: “formar parentes em linhas de conexão inventivas, como uma prática para aprender a viver e morrer bem uns com os outros em um presente espesso”. Para a autora, nossa tarefa também é “criar problemas e suscitar respostas potentes a eventos devastadores, acalmar águas turbulentas e reconstruir lugares tranquilos” (Haraway, 2023, p. 13).

Haraway (2023, p.17) faz um alerta importante sobre o futurismo, que deve ser evitado, especialmente, em tempos de urgência como os nossos, pois, “existe uma linha tênue entre reconhecer a extensão e a gravidade dos problemas e sucumbir a um futurismo abstrato, a seus afetos de sublime desespero e a suas políticas de sublime indiferença”. Para ficar com o problema é preciso aprender a estar verdadeiramente presentes em uma “copresença densa” e nos fazermos capazes juntos(as) em configurações inacabadas (Haraway, 2023, p.17).

O diálogo com a fabulação especulativa, como método, prática e processo de “devir-com reciprocamente”, em um lugar-tempo de um presente espesso, “situado, mundano, emaranhado, localizado em algum lugar e não em lugar algum”, abriu a possibilidade de ficarmos com o problema e especulamos coletivamente sobre ele, em meio às pororocas do cotidiano da relação universidade-território (Haraway, 2023, p.17).

Atravessados(as) pela experiência, fizemos mais um deslocamento nesse processo formativo, entendendo a provisoriidade desse movimento instituinte-instituído no processo de institucionalização (Lourau, 1996). Convidamos estudantes a fazerem a leitura do livro da Haraway (2023), em especial do capítulo “Estórias de Camille, as crias do composto” e a fabularem seus projetos de cuidado, no diálogo com o território, as mulheres que convivemos, os aprendizados, as frustrações na Vila da Barra.

Abrindo picadas: a fabulação especulativa

Os projetos de cuidado fabulados abriram outras possibilidades de deslocamento das docentes e estudantes pela própria experiência de formação, a partir da consigna de participação da turma no Sarau de compartilhamento entre as turmas da UC. Foi neste movimento que iniciamos a construção de uma fabulação especulativa coletiva de uma história contada pelo território sobre a chegada da universidade na Vila da Barra.

Ao criarmos uma narrativa coletiva deslocada para a perspectiva do território, criamos continuidade entre os mundos oníricos, corporais e ficcionais, fizemos a memória circular pela oralidade e especulamos mais juntos sobre a experiência, que pôde ser pensada como um composto quente, coletivo, brincalhão e generativo para semear mundos e pensar sobre formas de viver e morrer em um planeta ferido. Ao fabular, não utopias, mas sim conceber “virtualidades situadas para dar um giro nas nossas formas de pensar e semear o germe de futuros visíveis. A regeneração e o florescimento ainda são possíveis, mas somente se formos capazes de imaginá-los” (Torres, 2019, s/p, tradução nossa).

Fabular coletivamente como território, potencializou a turma, permitiu a circulação de memórias, afetos, risadas e ampliou a potência da experiência de formação na Vila da Barra. Ficamos com o problema juntos(as), na copresença densa do cotidiano e do conhecimento compartilhado do território no corpo grupal instituinte. A oralidade permitiu a circulação da fala, que foi gravada, em seguida transcrita, e depois, compartilhada pela sua leitura no Sarau entre as turmas.

Fabulação coletiva

Olá, sou a Vila da Barra, diferente de todas as “outras barras” que vocês conhecem, aqui quem habita, são pessoas. Pessoas mais diversas, que trabalham, que atuam em outros lugares, ou seja, é um lugar que transitam pessoas. E na minha porta de entrada tem duas lixeiras. Aqui é onde a gente determina o meu limite territorial. Fico próximo do centro, próximo do Cemitério da Sabedoria. Eu gostaria que vocês viessem me visitar mais. Gostaria que fosse mais visitada, mais visibilizada e mais respeitada. Eu queria um cuidado. Eu queria atenção, porque é isso que me falta. As pessoas acham que eu não sou boa, que só existem desafios e coisas ruins dentro de mim, mas também há muitas coisas boas, legais, como, brincadeiras com as crianças. Eu também tenho um projeto que se chama QuebradaDelas. Que saiu de ideias de mulheres com muitas vozes, e o jornal que elas fazem, dá lugar para essas vozes, potencializa essas vozes.

Eu sou barulhenta. Eu sou quente, tem muito cimento aqui, tem umas plantinhas... Muitos gatos, cachorro... E os meninos, tão jovens, que talvez poderiam estar na escola, poderiam estar trabalhando, curtindo, muitas vezes estão ali armados, vendendo drogas. E de vez em quando a polícia entra aqui, e o bicho pega. Teve uma operação aqui. Que matou gente dentro de casa. E é muito triste, eu não gosto de ver o sangue escorrendo aqui dentro. Isso me entristece. Eu gosto quando a música toca. Quando tem festa, aí, eu fico alegre. Mas apesar da polícia, a gente sabe se defender aqui. Agente é muito forte aqui, então a gente resolveu driblar a polícia e os drones da polícia se protegendo, a gente colocou um toldo no meio do corredor, onde as pessoas passam para proteger e ninguém poder ver a gente aqui dentro. O toldo que eu coloquei aqui para proteger a gente é justamente porque não nos sentimos protegidos. Aqueles que deveriam nos proteger, acabam nos deixando de lado, acabam nos deixando à mercê de situações que poderiam ter sido solucionadas, poderiam ter sido cuidadas, mas nem sempre o cuidado chega até aqui.

Apesar dessa falta de cuidado das pessoas que deveriam cuidar da gente, temos pessoas que ajudam com esse cuidado aqui dentro. Como lideranças como a Rosa, que faz muito mais do que deveria e do que o poder público proporciona pra gente.

É, recentemente eu recebi umas visitas de um pessoal aí, da universidade. Acho que eles ficaram um pouco assustados, mas acho que a visita deles tem alguma razão positiva. Acho que são uns playboyzinho aí. Mas será que todo mundo é playboy? A gente não sabe, né? Agora, na faculdade não tem só playboy... Uns caras meio estranhos... Parece que olhavam meio assustados... Eu não sei, né? Vai que são gente boa... Mas eles também tem que entender qual que é a daqui. Não vamos facilitar para eles, não, eles que se virem para entender a gente. Só a gente que tem que ficar recebendo todo mundo aqui. Tá pensando que aqui é o quê? Então. Talvez esses playboy aqui vão passar no teste.

Para falar a verdade, eu ainda não entendi muito bem o que é que eles vieram fazer aqui. E o que será que eles falaram da gente? Que eles pensaram quando me visitaram? Eu gostaria muito de saber o que é que eles falaram para outras pessoas da faculdade mesmo. Agora, essa coisa de faculdade mesmo, que que será isso? Porque eles ficam falando que eles são da faculdade. O que é que será que eles fazem lá? O que é isso de faculdade, né? Porque tem muita gente que não tem noção, não sabe das coisas que acontecem aqui, fica achando que sabe tudo só porque está na faculdade e vem aqui dizendo o que a gente tem que fazer, o que que a gente não tem que fazer, nem conhece a gente e já fica dando opinião. Mas, é muito interessante porque eles chegam aqui e muitos pisam no cocô!

Não só no cocô, eles acham que quando passam por um território, estão passeando, vendo monumentos, enquanto várias motos passam por lá e tentam atropelar as pessoas que estão passando. Bom. O meu coração fica em um lugar próximo ao centro do meu interior, que tem 4 paredes, e que muitas pessoas vão lá para se abrigar. Esse lugar se chama sede. Essa sede fica próximo do pessoal do tráfico. Eles se sentem seguros lá. Não é à toa que colocaram um toldo ali naquele local. Compartilho minha água também, colocaram um chuveiro, que nos dias de um momento de calor, pelo menos conseguem se refrescar. Muitas das atividades, que saíram de mim, como a Quebradadelas, acontecem lá. E também é um espaço em que as crianças também vão lá, brincam, têm atividades. Assim como no final do ano tivemos uma atividade de

artesanato em que muitas pessoas foram para aprender a fazer enfeites de Natal.

Para contar um pouco da minha história, também para fora do meu território, o QuebradaDelas começou a escrever um jornal que conta um pouco das minhas fragilidades, e também dos meus potenciais, isso para poder contar para as outras pessoas um pouco do que acontece aqui. É legal também que o QuebradaDelas incentivam o comércio interior das mulheres, muito interessante, como lojas de roupas, de doce também, então acho muito importante. Por mais que pareça que não tem muitas oportunidades, de trabalho e de futuro aqui, também de assistência médica e de saúde, eu também posso ver muita resistência, muita alegria, solidariedade e resistência nas pessoas que moram aqui.

Mas também a gente conversa muito e se encontra muito com a Dona Morte por aqui. Ela é muito amiga do território, apesar de ela estar muito brava ultimamente. Por que ela está tendo que trabalhar demais, né? E ela está indignada com isso! É que, parece que todos os dias ela tem que vir aqui. A Dona Morte recentemente levou 2 pessoas, 2 conhecidos, 2 amigos que moram aqui comigo, o Luan e a Sophie. Pessoas que vão fazer falta para esse território, tanto para os familiares, amigos, filhos. E a Dona Morte, por enquanto, está lá, próximo do Cemitério da Sabedoria.

E eu fico aqui em Santos, na cidade turística da orla maior do Brasil. Linda Santos. Mas eu também faço parte de Santos e muitas vezes ninguém olha para mim. E eu quero dizer que eu estou aqui porque eu existo. E que eu preciso de mais cuidado. Eu preciso de mais política pública, eu preciso dar outras oportunidades para as pessoas que moram aqui comigo. Então é muito importante que Santos não me rejeite, porque eu faço parte dessa cidade.

Abrindo uma estrada: a Redinha Vila da Barra

O final do semestre revelou uma formação potente para o trabalho em saúde, registrado no diário de um estudante, dia 18/12/24:

Talvez este campo demande mais coletividade e menos individualidade, algo que está registrado em meu diário. Nele, constatamos que as questões de saúde na comunidade são cuidadas de forma coletiva, reforçando a importância do trabalho comunitário. Nosso ponto inicial é fortalecer vínculos e conquistar uma inserção mais ampla no território. Até agora, nossas ações têm se concentrado majoritariamente na sede, o que foi importante para sermos reconhecidos pela comunidade e construirmos a confiança necessária para nos aprofundarmos na atuação em campo. Nesta UC, aprendemos que estabelecer confiança e construir uma aliança com o território é um trabalho que exige presença constante. Estar presente não é uma ação simples ou trivial; requer tempo, disposição e uma atenção fluida para identificar os investimentos necessários ao fortalecimento dessa aliança (Diário estudante).

Para dar continuidade e fortalecer nossa presença no território, consideramos que precisávamos de maior apoio para sustentar a relação universidade-território-comunidade. Para isso, Iniciamos a articulação de uma rede territorial de cuidado, que chamamos de Redinha Vila da Barra. Juntamos pessoas e serviços dos diferentes setores das políticas sociais

do território, para consolidar conexões e fortalecer laços de solidariedade e colaboração para a formação e o cuidado no território.

Com os aprendizados da especulação e da imaginação, somadas ao movimento universidade-território, ao tempo e aos saberes da experiência (Bondía, 2002) de uma formação que se dá “com os pés tocando o chão do território” (Correa, 2018), seguimos com o problema, fazendo corpo capaz de dançar no entre junto para produzir cuidado. Há, pelo menos, dois aprendizados até aqui: presença e coletividade.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. 7ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BICHARA, Tatiana Alves Cordaro; GOULART, Patrícia Martins; RAMALHO, Simone Aparecida. Transgredir, transcender e transformar: reflexões sobre o pensamento de Jaime Breilh. In: GOULART, Patrícia Martins; BICHARA, Tatiana Alves Cordaro; RAMALHO, Simone Aparecida (Orgs.). **Jaime Breilh na Unifesp: saúde dos povos e pensamento metacrítico**. Porto Alegre: Rede Unida, 2024, v.1, p. 139 - 146.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza; FARIA, Juliana Batista; PEZZATO, Luciane Maria. Refletindo sobre Possibilidades de *Pesquisaformação* no Curso de Pedagogia. **Revista E-Curriculum**, v.21, p.e55681, 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza. *Pesquisaformação* narrativa e (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luís; BÔAS, Lúcia Villas (orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: Editora CRV; 2018. p. 65-81.

BREILH, Jaime. **Epidemiologia crítica e a saúde dos povos: ciência ética e corajosa em uma civilização doentia**, ed.1. Tradução Patrícia Martins Goulart e Tatiana Alves Cordaro Bichara. São Paulo: Hucitec, 2024.

CAPOZZOLO, Angela Aparecida; CASETTO, Sidnei José; HENZ Alexandre Oliveira (Orgs.). **Clínica comum, itinerário de uma formação em saúde**. São Paulo: Hucitec; 2013.

CORRÊA, Célia Nunes. **O barro, o genipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada.** 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia.** vol.5. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2008.

FIGUEIREDO, Eluana Borges Leitão et al. Efeito pororoca na educação permanente em saúde: sobre a interação pesquisa-trabalho. **Rev Bras Enferm**, v. 71, supl 4, p.1872-7, 2018.

FRANCO, Túlio Batista; HUBNER, Luiz Carlos Moreira. Clínica, cuidado e subjetividade: afinal, de que estamos falando? **Saúde em Debate**, v.43, esp.6, p. 93-103, dez. 2019.

GALLO, Silvio. Bio(necro)política. In: FISS, Doris Maria Luzzardi; UBERTI, Luciane. Quarentenário pequeno brevíário dos tempos de pandemia. **Revista Textura: Revista de Educação e Letras.** v. 23, n.53. p.447-514, jan./mar. 2021.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno.** São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna, “Manifesto Chthuluceno de Santa Cruz”, **Planeta Laboratório**, n.5, p. 13. 2016. Disponível em: <https://laboratoryplanet.org/wp-content/uploads/2016/05/PLANETALABORATORION5.pdf>. Acessado em: 04 out. 2024.

KAZI, Gregório Esteban. **Hacia una Psicología Social Histórica.** Buenos Aires:Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2006.

LOURAU, René. **A análise institucional.** Petrópolis: Vozes, 1996.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo.** São Paulo: Hucitec; 2002.

PEZZATO, Luciane Maria; BRAGANÇA, Inês Ferreira Souza; ROSA, Camila Petrucci. Memória, escrita e diários em *pesquisaformação*. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v.8, p.e1109 - 2023.

SCARCELLI, Ianni Regia; BICHARA, Tatiana Alves Cordaro; FERNANDES, Maria Inês Assumpção Fernandes. Aproximações do campo grupal à formação interdisciplinar e ao trabalho interprofissional em saúde: entre a psicologia social da práxis e a saúde coletiva. In:

DOMANESCHI, Carina et al. (Orgs.) **Interprofissionalidade no campo da saúde**, ed.1. São Paulo: Hucitec, 2024, v.1, p. 112 - 136.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEIXEIRA, Ricardo Rodrigues. As dimensões da produção do comum e a saúde. **Saúde Soc.** v.24, supl.1, p.27-43, 2015.

TORRES, Helen. Bastardas de Camille. Fabulación y feminismo especulativo de la mano de Donna Haraway. **Ecología Política**, n. 57, p. 98-103, 2019.

Sobre as autoras

Tatiana Alves Cordaro Bichara

Professora do Eixo comum Trabalho em Saúde - Departamento Saúde, Clínica e Instituições - do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Graduada em Psicologia (PUC-SP), com mestrado em Psicologia Social (PUC-SP) e Doutorado em Psicologia Social (IP/USP). E-mail: tatiana.bichara@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6868-7206>

Stella Maris Nicolau

Professora do curso de Terapia Ocupacional e do Eixo comum Trabalho em Saúde - Departamento Saúde, Clínica e Instituições - do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Graduada em Terapia Ocupacional (USP/SP), com mestrado em Psicologia social (Instituto de Psicologia (IP-USP), doutorado em ciências no Departamento de Medicina Preventiva (USP) e pós-doutorado no Departamento de Medicina Preventiva (USP). Professora do Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde da Unifesp E-mail: stella.nicolau@unifesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5348-2726>

Luciane Maria Pezzato

Professora do Eixo comum Trabalho em Saúde - Departamento Saúde, Clínica e Instituições - do Instituto de Saúde e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, campus Baixada Santista. Graduada em Odontologia (Faculdade de Odontologia da Unesp de Araraquara), com mestrado em Educação (FE/Unicamp), doutorado em Saúde Coletiva (FCM/Unicamp) e pós-doutorado em Educação (Faculdade de Formação de Professores da UERJ). Professora do Mestrado Profissional Ensino em Ciências da Saúde da Unifesp, Vice-líder do Diretório do CNPq Análise Institucional e Saúde Coletiva. E-mail: luciane.pezzato@unifesp.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3591-1491>

Recebido em: 20/07/2025

Aceito para publicação em: 29/11/2025